

O AJUSTE FISCAL Por causa da CPMF e da Cofins, preços dos automóveis vão subir até 2%, mas não agora, garantem os fabricantes

Repasse nos carros ficará para depois

São Paulo – Armando Favaro

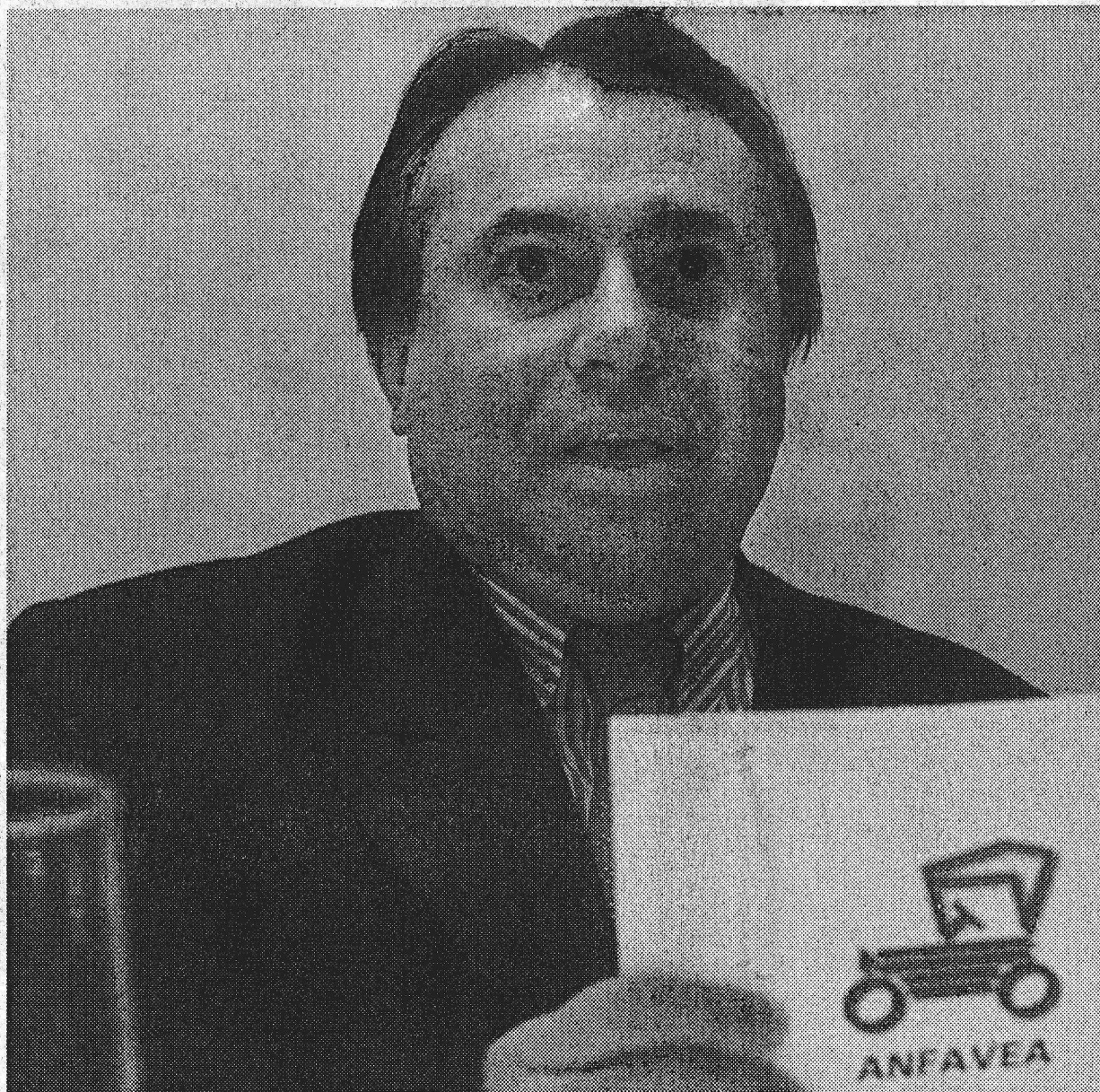
NELSON SILVEIRA

SÃO PAULO – O impacto das novas alíquotas da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins) no preço final dos veículos será de 1,5% a 2%, segundo cálculos do presidente da Ford do Brasil, Ivan Fonseca e Silva. O repasse desses aumentos, entretanto, não será imediato, afirmam os executivos das quatro grandes montadoras de automóveis e o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), José Carlos da Silveira Pinheiro Neto.

Isso porque, lembram os empresários, as novas alíquotas só vão vigorar a partir de janeiro de 1999, caso sejam aprovadas pelo Congresso. E também por causa do nível dos estoques do setor, hoje na faixa recorde dos 200 mil veículos. “Do alto dos nossos estoques, posso dizer que não temos muitas condições de aumentar preços”, avaliou Pinheiro Neto. Fonseca foi peremptório: “Os preços só vão subir quando acabarem os estoques”.

O presidente da Anfavea declarou estar aliviado com o fato de o governo ter se “esquecido” da indústria automobilística, referindo-se à possibilidade de criação de um novo imposto para o setor. A melhor notícia, no entanto, segundo Pinheiro Neto, foi a da redução gradual dos juros. “Com os juros caindo para algo entre 20% e 25% em 1999, mudam as expectativas de venda para o ano. A previsão sobe de 1,5 milhão para 1,7 milhão de unidades”, analisa.

Crisezinha vagabunda – A provável queda dos juros – prometida pelo governo ao anunciar o ajuste fiscal – aliviou a tensão dos executivos do setor automotivo, pressionado por uma queda nas vendas que já atinge 25% no ano. Diante da simples promessa, o clima passou da cautela para o otimismo. “Não é uma crisezinha



Pinheiro Neto explica que os estoques altos nos pátios das montadoras impedem os reajustes imediatos

vagabunda dessas que vai alterar os planos de quem está há 70 anos no Brasil”, ironizou Pinheiro Neto. “Temos confiança nas medidas do governo”, afirmou Frederik Henderson, presidente da General Motors (GM).

Todas as montadoras anunciaram que mantêm os investimentos previstos até 2002. A GM vai adiar apenas o aumento da produção na fábrica de motores de São José dos Campos

(SP), onde investiria US\$ 4 milhões. Em compensação, está aplicando US\$ 600 milhões na nova planta de Gravataí (RS), com inauguração prevista para o fim de 1999.

A queda nos juros e a confiança do consumidor no ajuste fiscal são apontados como cruciais para a recuperação das vendas no setor. “Temos de acreditar que as medidas anunciadas pelo governo são sérias

e a economia terá uma retomada no segundo semestre de 1999”, declarou Miguel Barone, vice-presidente de vendas e marketing da Volkswagen do Brasil. Giovanni Razelli, superintendente da Fiat Automóveis S/A, é ainda mais otimista e diz acreditar na recuperação do mercado de automóveis já a partir de março. “É preciso resgatar a confiança do consumidor”, concluiu.